



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8514 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE PROFESSORES/AS ALFABETIZADORES/AS: A HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO EM NAVIRAÍ/MS DE 1963 A 1973

Geiliane Aparecida Salles Teixeira - UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados
Agência e/ou Instituição Financiadora: Nenhuma

**MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE PROFESSORES/AS ALFABETIZADORES/AS:
A HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO EM NAVIRAÍ/MS DE 1963 A 1973**

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da tese em elaboração cuja pesquisa intenciona traçar características sobre as trajetórias de um grupo de professores/as alfabetizadores/as, que atuaram na alfabetização da infância na região sul de Mato Grosso do Sul, no município de Naviraí, no período compreendido entre 1963 a 1973. A premissa basilar desta pesquisa cuja opção metodológica é a da história oral temática, reside na possibilidade de rememorar processos formativos destes indivíduos que se exteriorizaram na prática, procurando desvelar como os indivíduos constituíram-se professores/as alfabetizadores/as, na tentativa de registrar uma história ainda não contada. As entrevistas com os/as professores/as alfabetizadores/as nos permitirão refletir sobre a constituição de suas carreiras profissionais e identificar as mudanças de ordens diversas na perspectiva de que o indivíduo exterioriza na prática alfabetizadora suas ideias a partir das experiências que vivencia.

ALFABETIZAÇÃO E HISTÓRIA ORAL: UMA PESQUISA EM CONSTRUÇÃO

Este recorte de tese em elaboração procura estudar as trajetórias de docentes que atuaram na alfabetização da infância na região sul de Mato Grosso do Sul, no município de Naviraí, no período de 1963 a 1973, a fim de escrever a história da alfabetização nesse município, com foco nos métodos de alfabetização. Para tanto, utilizaremos como metodologia a história oral temática. Tal opção metodológica se dá por acreditarmos que a partir da história oral desvelaremos uma história não contada, àquela que constitui os indivíduos desde a infância, abarcando sua trajetória discente e docente.

A pesquisa tem como proposta ouvir os relatos dos/as professores/as alfabetizadores/as que atuaram no município de Naviraí/MS no período de 1963, ano de emancipação do município, a 1973, quando surgiram os primeiros cursos de formação aos profissionais da educação, com o intuito de organizar os dados destas histórias, muitas vezes entrecruzadas, mas não articuladas. Optamos pela história oral considerando que diante dos processos recentes de fragmentação e desenraizamento de modos culturais, a história oral tem se constituído uma alternativa metodológica capaz de elucidar as problemáticas dos sujeitos, das memórias, culturas e identidades (PORTELLI, 2010).

O tema alfabetização é bem difundido no Brasil e sucinta diversas discussões, pois é um tema abrangente e um tanto polêmico. É fato que alfabetização se refere às práticas diversas de ensino da leitura e da escrita, como define Soares (1985, p. 20), “processo de aquisição de código escrito, das habilidades de leitura e de escrita”. Destarte, a história da alfabetização ganha maior visibilidade com a história dos métodos de alfabetização em torno dos quais são geradas diversas explicações para um mesmo problema: a dificuldade de nossas crianças em aprender a ler e a escrever. (MORTATTI, 2006). Entretanto, a partir da década de 1980, as discussões sobre alfabetização tomam novos rumos em virtude da mudança conceitual em relação à aprendizagem da língua escrita. Tal mudança resulta de estudos propagados por Ferreiro e Teberosky, que partem de pesquisas da psicologia genética e consideram o processo de aprendizagem da língua escrita com outro olhar. “É necessário entender que a aprendizagem da linguagem escrita é muito mais que a aprendizagem de um código de transcrição: é a construção de um sistema de representação.” (FERREIRO, 1994, p.102).

O termo método quando aplicado à Alfabetização, pode ser sintetizado como “[...] conjunto de meios, procedimentos, instrumentos, estratégias e recursos preestabelecidos para o desenvolvimento do ensino inicial da leitura e da escrita [...]” (MORTATTI, 2019, p.93). Dessa forma, estamos a falar sobre método de ensino, a forma de ensinar os conteúdos de ensino e não de método de aprendizagem, embora ensino e aprendizagem sejam considerados processos inseparáveis (MORTATTI, 2019).

Nosso papel será organizar as diferentes histórias que contam uma mesma realidade: a alfabetização na infância dos/as professores/as e a alfabetização no tempo/espaço do hoje a partir de suas práticas no sentido de identificar elementos que caracterizam a estruturação da docência em um processo de rememorar as experiências escolares. Corroboramos tal sentido, Distante (1998, p. 84), ao citar que: “não existirá um porvir verdadeiro para humanidade e não existirá um verdadeiro progresso, se o futuro não tiver um ‘coração antigo’, isto é, se o futuro não se basear na memória do passado”.

O presente estudo centra-se na memória de professores/as alfabetizadores/as aposentados/as do município de Naviraí/MS. Para tanto, realizamos um mapeamento para identificar esses sujeitos e então estruturamos a pesquisa de campo no sentido de organizar os dados destas histórias, muitas vezes cruzadas, mas não articuladas. Pensamos ser essa uma maneira de ouvir o silêncio, que em determinados momentos, se torna mais perceptível do que a palavra falada (SARAT; SANTOS, 2010).

Reunir elementos da história da constituição da prática alfabetizadora pode ser um estudo importante para a história da alfabetização em Mato Grosso do Sul, mais precisamente no contexto naviraense. Acredita-se que a trajetória formativa do sujeito pode o aproximar e/ou distanciar do objeto de ensino, neste caso a alfabetização. Por essa razão, estudar via História Oral as marcas do processo de escolarização na infância dos/as professores/as pode trazer elementos que contribuam para repensar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita na escola.

A história oral ajudará a contar essa/s história/s, bem como a lembrar o passado e refletir sobre as práticas presentes no sentido de rever o futuro com os professores alfabetizadores participantes da proposta de investigação. Isso justifica-se por compreendermos que o professor é um indivíduo, pessoa, sujeito histórico importante do campo educacional e, conseqüentemente, da história da educação (NÓVOA, 2007). Com base nos estudos angariados para a estruturação do projeto, é possível afirmar que a História Oral nos possibilitará compreender os modos de ser professor percebido historicamente, bem como, de que forma esta profissão docente se instituiu no contexto social e histórico do alfabetizador e possibilita perceber os significados construídos em suas práticas. Entendemos que a forma como se alfabetizaram e realizaram sua formação inicial e continuada, pode estar diretamente relacionada com as representações e subjetividades do ofício docente. Reconstruir as trajetórias de vida desses sujeitos, tendo como ponto de partida suas narrativas, significa recuperar sentidos e significados que deram às experiências vivenciadas. Realizaremos entrevistas com os/as professores/as e nos apoiaremos em suas memórias para escrever a história da alfabetização em Naviraí/MS, por acreditar que a memória humana é capaz de conservar e transmitir produções materiais em diferentes tempos e espaços, evidenciando vivências e trajetórias.

Um novo questionamento a ser considerado é a relação dos/as professores/as alfabetizadores/as com as práticas de alfabetização que permearam sua história de vida, considerando que durante muito tempo a prática docente e de ensino, foram pautadas puramente em um saber fazer e não na compreensão do fazer, o que pode ter gerado resquícios na constituição da prática docente, na trajetória escolar e de vida em formação dos/as professores/as alfabetizadores/as. A ideia de que as histórias de vida podem ser entendidas como histórias de formação são compartilhadas por Tardif (2011, p. 220), ao asseverar que “antes mesmo de ensinarem, os futuros professores vivem em salas de aula nas escolas [...]. Em suma, antes mesmo de começarem a ensinar oficialmente, os professores já sabem, de muitas maneiras, o que é ensino [...]”. Nessa perspectiva, o/a professor/a alfabetizador/a, precisaria oportunizar momentos de interação entre a aquisição da técnica e seu uso em um contexto social que insira a cultura da escrita na sala de aula. “Podemos perfeitamente aprender para que serve cada botão de um forno de microondas, mas ficar sem saber usá-lo” (SOARES, 2003, p. 02). Entretanto, se os/as professores/as não participaram dessa prática, dificilmente o farão em sala, por isso reunir elementos da história da constituição de sua prática alfabetizadora pode ser um estudo importante para a história da alfabetização.

Acredita-se que a trajetória formativa do sujeito pode o aproximar e/ou distanciar do objeto de ensino, neste caso a alfabetização. Por essa razão, estudar via História Oral as marcas do processo de escolarização na infância do/a professor/a pode trazer elementos que contribuam para repensar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita na escola. Esse dado ainda pode justificar o porquê da implementação de muitas propostas para alfabetização, como o PROFA, PRÓ LETRAMENTO, PNAIC e poucos avanços em termos práticos na mudança de concepção dos sujeitos. Ou seja, o/a professor/a é influenciado/a pelos modelos pedagógicos dos quais participou enquanto aluno/a da Educação Básica, suas concepções e crenças são fortemente arraigadas por estas vivências, muitas vezes, não tão boas e que privam a criança de viver sua infância no tempo e espaço necessário para aprender a ler e escrever? Assim, o que se pode afirmar é que o conceito de alfabetização tem se ampliado e já não se resume a aprender a ler e escrever. É preciso desenvolver as habilidades do sistema convencional, mas também aprender a fazer uso desse sistema no cotidiano, no contexto social.

CONCLUSÕES

Concluimos que a alfabetização é um processo de difícil compreensão, principalmente quando suas facetas são estudadas e observadas isoladamente. É preciso resgatar o verdadeiro significado da alfabetização e para tal, faz-se necessário compreender os problemas que se repercutem sobre os métodos, que por si só, não solucionarão os impasses do processo.

Destarte, precisamos entender que as discussões sobre métodos de alfabetização permanecem, embora de uma forma mais silenciosa, sem grandes alardes, pois o que se percebe é um crescente processo de desmetodização.

Palavras-chave: Memória. Trajetória Docente. Professores/as Alfabetizadores/as.

REFERÊNCIAS

DISTANTE, Carmelo. **Memória e Identidade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1994.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: UNESP, 2006.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Métodos de alfabetização no Brasil: uma história concisa**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.

NÓVOA, A. **Vida de Professores**. Porto: Porto Editora, 2007.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. Letra e Voz. São Paulo, 2010.

SARAT, Magda; SANTOS, Reinaldo. **História Oral como fonte: Apontamentos Metodológicos e Técnicos da Pesquisa**. In: Fontes e Métodos em História da Educação. Editora UFGD. Dourados, 2010.

SOARES, Magda B. As muitas facetas da alfabetização. **Caderno de Pesquisa**. n° 52, p. 19 - 24, São Paulo, fev./1985.

SOARES, Magda. **A Reinvenção da Alfabetização**. In: Presença Pedagógica, v.9, n°52. Belo Horizonte: Dimensão. Jul./ago. 2003.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 12ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2011.